



Reflexões sobre a cegueira na cultura digital: parafraseando José Saramago

Reflections on blindness in digital culture: paraphrasing José Saramago

Vânia Maria Castelo Barbosa^(a); Maria Valdenia da Silva^(b); Renata Junqueira de Souza^(c)

^a Universidade Federal da Paraíba, Brasil – vaniasmcb@gmail.com

^b Universidade Estadual do Ceará, Brasil – maria.valdenia@uece.br

^c Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil – renata.lit.junqueira@gmail.com

Resumo: As tecnologias digitais transformaram o modo como as pessoas passaram a se organizar e a se comunicar atualmente, influenciando diversas áreas do conhecimento e o que é produzido na e pela cultura digital. Entretanto, os webconsumidores vivem as consequências do que poderia ser considerado prejudicial às relações sociais de nosso tempo, os excessos. Nessa perspectiva, o romance alegórico *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, apresenta uma cegueira branca que afetou uma cidade inteira. Essa cegueira representaria, na concepção criativa do escritor português, o excesso de razão, cujo resultado seria a insensibilização das pessoas. Poderíamos, então, considerar que Saramago estaria, por meio dessa narrativa, prevendo um desenvolvimento caótico para a sociedade pós-moderna ou apenas expressando uma visão pessimista a respeito da humanidade? Objetivamos tecer um diálogo entre algumas ideias apresentadas no livro *Ensaio sobre a cegueira* e aspectos do contexto digital contemporâneo, e refletir sobre as interações interpessoais nas mídias digitais à luz da alegoria saramaguiana e de estudiosos do meio digital. Para tanto, recorremos à pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, cujo aporte teórico baseia-se nos estudos de Fisher (2023), Hissa e Araújo (2021), O'Neil (2020), Bridle (2019) e Han (2015). Mediante as análises realizadas, obtivemos como resultados a percepção de que a cegueira da razão, apresentada neste romance, assemelha-se aos excessos produzidos no contexto digital. Estes excessos podem levar ao adoecimento dos usuários e à falta de alteridade. Concluímos que, em contraposição a essa situação, faz-se necessária a “pedagogia do olhar”, proposta por Han (2015).

Palavras-chave: Cultura digital. Literatura. Byung-Chul Han. José Saramago.

Abstract: Digital technologies have transformed the way people organize and communicate today, influencing various areas of knowledge and what is produced in and by digital culture. However, online consumers experience the consequences of what could be considered detrimental to the social relationships of our time, namely excesses. From this perspective, the allegorical novel *Blindness* (1995) by José Saramago, introduces a "white blindness" that affected an entire city. This blindness would represent, in the creative conception of the Portuguese writer, the excess of reason, whose result would be the desensitization of people. Could we, then, consider that Saramago, through this narrative, was foreseeing a chaotic development for post-modern society or merely expressing a pessimistic view of humanity? We aim to weave a dialogue between some ideas presented in *Blindness* and aspects of the contemporary digital context and to reflect on interpersonal interactions in digital media in light of Saramago's allegory and studies from scholars who deals with digital environment. To this end, we used qualitative, bibliographic research, based on theoretical contributions from Fisher (2023), Hissa and Araújo (2021), O'Neil (2020), Bridle (2019), and Han (2015). Through the analyses performed, we obtained results indicating that the blindness of reason, presented in this novel, resembles the excesses produced in the digital context. These excesses can lead to user illness and a lack of alterity. We conclude that, in opposition to this situation, the "pedagogy of seeing" proposed by Han (2015) is necessary.

Keywords: Digital culture. Literature. Byung-Chul Han. José Saramago.

Introdução

"Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, cegos que, vendo, não veem" (Saramago, 1995, p. 310).

Em 1995, o escritor português José Saramago publicou o livro *Ensaio sobre a cegueira*. Na ocasião, a jornalista Bia Abramo, do Jornal Folha de São Paulo, entrevistou o autor português e divulgou um texto cujo título era "Saramago anuncia a cegueira da razão" (Abramo, 1995). Nessa entrevista, fica evidenciado que uma das motivações para a escrita do romance é a convicção do escritor de que os seres humanos não usam racionalmente a razão, daí a necessidade de criar uma narrativa em que a cegueira da razão esteja presente metaforicamente. Estaria o autor, por meio desse romance alegórico, prevendo um desenvolvimento caótico para a sociedade pós-moderna ou apenas expressando uma visão pessimista a respeito da humanidade?

Passaram-se vinte e nove anos desde a publicação do romance e dessa fala de Saramago, mas algumas indagações permanecem: o que mudou na sociedade ocidental pós-moderna? Estaríamos nós todos cegos? Cegos da razão nesta sociedade tecnológica, moldada pela inteligência artificial? Não temos respostas imediatas para tais questões, mas podemos dialogar com pesquisadores contemporâneos e refletirmos sobre o contexto em que estamos inseridos, para, talvez, iniciarmos um processo de autorreflexão.

Buscamos tecer um diálogo entre algumas ideias apresentadas por Saramago (1995), no livro *Ensaio sobre a cegueira*, e aspectos do contexto digital apresentados por Fisher (2023), Lé, Anacleto e Ribeiro (2022), Hissa e Araújo (2021), O’Neil (2020), Bridle (2019) e Han (2015), a fim de refletir sobre as interações interpessoais nas mídias digitais. Para tanto, recorremos à pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico.

O artigo está dividido em duas partes. Na primeira, discutimos sobre os conceitos e as implicações da cultura digital para a sociedade pós-moderna; na segunda parte, apresentamos aspectos do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, estabelecendo relações entre as formas de cegueira trazidas pelo texto ficcional e as visíveis na sociedade digital.

Considerações sobre a sociedade digital

As tecnologias digitais, com destaque para a IA e o ChatGPT, representam atualmente, para muitos, o ápice da inteligência, do desenvolvimento e da evolução humana. A humanidade está conectada 24h por dia e muito do que é pensado, projetado, feito e até sentido está sendo mediado pelas ferramentas e plataformas digitais.

Nesse universo digital, todas as áreas do conhecimento da sociedade pós-moderna são afetadas positiva ou negativamente pelas tecnologias

digitais e pelo que é produzido por meio delas: cultura, educação, jornalismo, economia, medicina, agricultura, religião, ecologia, psicologia, direito, política etc. Em meio a esse universo de conhecimento na cultura digital (Hissa; Araújo, 2021), voltamos nosso olhar, neste artigo, para o acesso à (des)informação e para o comportamento humano e as relações interpessoais.

A cultura digital é “este momento particular da humanidade em que o uso de meios digitais de informação e comunicação se expandiu, a partir do século passado, e permeiam, na atualidade, processos e procedimentos amplos, em todos os setores da sociedade” (Mill, 2018 *apud* Hissa; Araújo, 2021, p.1018). Nesse ambiente cultural, o acesso livre à informação cria uma ilusão de apropriação do conhecimento. Todos “sabem” um pouco ou quase nada sobre tudo e, para isso, basta pesquisar no Google ou ler as incontáveis notícias que circulam nas redes sociais.

Essas ferramentas de informação na web, segundo Hissa e Araújo (2021, p. 1012 - 1013), levam o consumidor a assumir “uma posição de suposto-saber sobre questões gerais, locais e globais”, garantindo-lhes “um repertório comum de respostas a questões gerais”, assim como proporcionando-lhes “um repertório particularizado e particular diretamente relacionado com o habitat de webconsumidor de cada um”. Esse “habitat de webconsumidor” pode ser entendido como bolhas digitais. “O termo bolha [está] vinculado ao sistema de crenças, preferências e convicções dos usuários, delimitando, cada vez mais, aqueles indivíduos que podem ser enquadrados num dado perfil” (Lé; Anacleto; Ribeiro, 2022, p. 31).

Essas bolhas, também chamadas de “bolhas discursivas”, “bolhas informacionais” (Hissa; Araújo, 2021) ou “bolhas de pós-verdade” são “responsáveis por replicar esse sistema de crenças e convicções, sendo

uma das principais condições envolvidas no mecanismo da desinformação, na disseminação das chamadas fake news” (Lé; Anecleto; Ribeiro, 2022, p. 31). Nesse contexto, a informação produzida e consumida pelos usuários da web, “a e-informação” seria, na concepção de Hissa e Araújo (2021, p. 1013), “uma espécie de metonímia enunciativa das bolhas”, gerando um processo de retroalimentação de informações e desinformações.

Esses mesmos usuários/consumidores das redes e plataformas digitais, ao mesmo tempo em que produzem e consomem notícias em suas bolhas discursivas, alcançam números inacreditáveis de seguidores, de “amigos”, de “likes”, de curtidas, na mesma medida em que replicam aquilo recebem em seus grupos sociais. A produção ininterrupta de conteúdos e de dados nessas plataformas perpassam as relações interpessoais que, quase sempre, são mediadas por máquinas programadas matematicamente para fazer escolhas e tomar decisões pelos humanos.

Sobre esse assunto, Max Fisher (2023), em seu mais recente livro publicado no Brasil, apresenta o resultado de uma investigação profunda e preocupante sobre as redes sociais, respondendo à pergunta “quais são as consequências dessa tecnologia?”. Seu estudo tem como fonte um acervo imenso produzido por acadêmicos, jornalistas, informantes e cidadãos preocupados com o uso das redes, cujo resultado “sugere que o impacto delas é muito mais profundo” do que o senso comum pensou inicialmente, ao considerar que “as mídias digitais promovem o sensacionalismo e a indignação”. Para esse autor,

a tecnologia das redes sociais exerce uma força de atração tão poderosa na nossa psicologia e na nossa identidade, e é tão predominante na nossa vida, que transforma o jeito como pensamos, como nos comportamos e como nos relacionamos uns com os outros. O efeito, multiplicado por bilhões de usuários, tem sido a transformação da própria sociedade (Fisher, 2023, p. 21).

As constatações feitas por Fisher endossam outras pesquisas e elevam a atenção das pessoas que ainda pensam e refletem sobre o estar no mundo e sobre o que é ser humano na sociedade pós-moderna, pois, como afirma Bridle (2019, p. 23), “aquilo que vemos molda não só o que pensamos, mas como pensamos”. As transformações pelas quais nossa sociedade está passando, impulsionadas pelo que é produzido e propagado nas redes sociais, podem gerar mudanças drásticas até na plasticidade do cérebro leitor, como constatou a neurocientista Maryanne Wolf, em estudo publicado no livro *O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era* (2019).

Essa autora considera que aquilo que lemos, como lemos e como somos formados, instruídos para essa leitura, interfere no processo de expansão ou redução dos circuitos cerebrais, pois “o que lemos, como lemos e por que lemos são fatores de mudanças do modo como pensamos, mudanças essas que prosseguem atualmente num ritmo mais rápido” (Wolf, 2019, p. 10). Para essa estudiosa,

as implicações da plasticidade de nossos cérebros leitores não são nem simples nem transitórias. As conexões entre como e o que lemos e o que está escrito têm importância crucial para a sociedade de hoje. Num meio que nos defronta continuamente com um excesso de informações, a grande tentação de muitos é se retirar para depósitos conhecidos de informações facilmente digeríveis, menos densas, intelectualmente menos exigentes. A ilusão de estarmos informados por um dilúvio diário de informações dimensionadas eletronicamente para o olho pode dificultar uma análise crítica de nossas realidades complexas (Wolf, 2019, p. 20).

Outro ponto relevante a ser considerado nesse processo de transformação da sociedade atual por meio das redes sociais são os algoritmos. De acordo com Hissa e Araújo (2021), “os algoritmos, na arquitetura da informação, são curadores invisíveis de informação na internet” (Araújo, 2019, p. 2016 *apud* Hissa; Araújo, 2021, p.1016). Nessa

perspectiva, as autoras discorrem sobre a seleção, editoração e formatação de conteúdos que circulam na web, nomeando esse processo de “curadoria digital”. Essa curadoria tem por finalidade publicar conteúdos que sejam “adequados a determinados grupos de consumidores de informação”. Elas explicam que “a curadoria digital pode ser matemática, aquela que é feita por máquinas por meio de algoritmos computacionais, ou pode ser curadoria humana” (Hissa; Araújo, 2021, p.1016). Ambas as curadorias podem trazer benefícios para a sociedade, mas podem promover graves dados às pessoas e às instituições democráticas caso os objetivos e as ideologias de quem as criaram sejam questionáveis do ponto de vista ético e humano.

A respeito dos algoritmos computacionais, Max Fisher (2023) revela que, em 2018, pesquisadores do Facebook (escolhidos pela empresa “para estudar os efeitos da sua tecnologia”, após a desconfiança de que “o site podia estar intensificando a discórdia política nos Estados Unidos”) chegaram a esta conclusão: “nossos algoritmos exploram a atração do cérebro humano pela discórdia” (Fisher, 2023, p. 19). Esse alerta foi ignorado pelos executivos que administravam a empresa e permanece desconhecido para a maioria dos usuários dessa rede.

A pesquisadora O’Neil, em seu livro *Algoritmos de destruição em massa* (2020), esclarece o modo como as aplicações matemáticas podem aumentar a desigualdade social e ameaçar a democracia. Essa estudiosa, formada em matemática, revelou que “as aplicações matemáticas fomentando a economia dos dados eram baseadas em escolhas feitas por seres humanos falíveis” e “muitos desses modelos programavam preconceitos, equívocos e vieses humanos nos sistemas de software que cada vez mais geriam nossas vidas” (O’neil, 2020, p. 8). Ela alerta que esses modelos matemáticos, embora pareçam imparciais, “refletem

objetivos e ideologias”, pois “modelos são opiniões embutidas em matemática” (O’neil, 2020, p. 35).

Tais informações não são divulgadas aos usuários das redes e a grande maioria da população mundial é manipulada continuamente, tendo sua autonomia usurpada por algoritmos e por pessoas “escolhidas” para gerirem esses sistemas matemáticos. O’Neil tece críticas importantes a esse sistema e reprova veementemente o modo como tudo é operado.

Vejamos o que ela diz:

como deuses, esses modelos matemáticos eram opacos, seus mecanismos invisíveis a todos exceto os altos sacerdotes de seus domínios: os matemáticos e cientistas da computação. Suas decisões, mesmo quando erradas e danosas, estavam para além de qualquer contestação. E elas tendiam a punir os pobres e oprimidos da sociedade enquanto enriquecia ainda mais os ricos. Criei um nome para esses modelos nocivos: Armas de Destrução Matemáticas, ou ADMs (O’neil, 2020, p. 8).

Essas informações nos põem em estado de alerta, mas alguns usuários poderiam pensar que não sofreríamos um dano grave por causa de “meros” programas matemáticos e por causa de algumas “bobagens” ditas, produzidas e divulgadas em redes sociais. Outros talvez nem pensem nada, exatamente por não saberem o que está acontecendo. Entretanto, fatos recentes e marcantes da história contemporânea do Brasil e do mundo confirmam o que esses estudiosos alertaram sobre o uso dessas tecnologias e suas consequências na vida e na sociedade imersa na cultura digital. Dentre os diversos fatos, citamos apenas três que consideramos os mais devastadores para nossas vidas, a curto e longo prazo: a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e a de Bolsonaro, no Brasil; e, a nível mundial, a Pandemia de Covid-19.

A conjuntura política brasileira e estadunidense, durante a Pandemia da Covid-19, foi marcada pelos governos de Bolsonaro e de Trump. Nesse

período, em especial nos anos de 2020 e 2021, quando as pessoas tiveram que adotar medidas para reduzir o contágio do vírus, como o isolamento social e o uso de máscaras, ganhou destaque, na internet, um fenômeno de divulgação de (des)informações sobre a Covid-19, em larga escala. Essas notícias eram divulgadas em grandes plataformas, mídias e redes digitais, gerando um fenômeno que ficou conhecido como Infodemia.

Entretanto, o fenômeno da desinformação descontrolada nas redes já vinha ocorrendo no mundo todo, atrelado a discursos de ódio e discursos políticos referentes às eleições de Trump e de Bolsonaro, bem como de outros personagens da esfera política ao redor do planeta. Entretanto, a infodemia foi acelerada de forma exponencial principalmente associada à saúde, como nos informa Max Fisher (2023):

dois anos antes de um novo e estranho vírus surgir na China, um funcionário da Organização Mundial de Saúde (OMS) [...] apresentou a seu chefe um plano para uma eventualidade exatamente como aquela. As mídias sociais haviam se tornado um vetor para desinformação de saúde [...]. Relatórios de trabalhadores da saúde em desespero no Brasil e em outros lugares tinham deixado claro que as plataformas seriam um front importante em qualquer emergência de saúde pública. Era necessário iniciar os preparativos (Fisher, 2023, p. 389).

A infodemia agravou-se em 2020, pois a pandemia foi uma força propulsora de emoções que já eram acionadas nas redes, alimentando máquinas e humanos. Segundo Fisher (2023), apesar do alerta feito pela OMS, nada mudou na estrutura das plataformas digitais e as mídias sociais continuaram sendo “uma máquina projetada para distorcer a realidade pela lente do conflito tribal e conduzir usuários a extremos” (FISHER, 2023, p. 392), pois “as plataformas não refletiam a realidade, mas criavam a sua” (Fisher, 2023, p. 411).

Diante de tantas informações, resta-nos refletir sobre nossa participação na cultura digital, sobre nossa atuação nas redes, na sociedade pós-moderna e nas nossas relações interpessoais, com o intento de mudarmos nossas práticas pessoais e coletivas nesse universo da web. Para isso, dialogamos com o texto literário de Saramago, cuja escrita parece ser mais real e lúcida do que ficcional.

Diálogos entre Ensaio sobre a cegueira e a cultura digital

No romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), José Saramago apresenta ao leitor uma cegueira branca, como se o personagem estivesse “no meio de um nevoeiro, [...] como se tivesse caído num mar de leite” (Saramago, 1995, p. 13). Essa cegueira “iluminada” acometeu os moradores de uma cidade inteira. No início, as autoridades isolaram as pessoas contaminadas em um manicômio desativado, onde passaram a ser vigiadas continuamente por forte aparato policial e por outros sistemas de controle. Os primeiros cegos ficaram sem saber que, do lado de fora, toda a população ficou cega também. Eles só perceberam isso quando pararam de receber a comida que era fracionada e muito disputada entre os internos. Depois eles também saem para as ruas e permanecem juntos até o fim da narrativa.

O enredo centra-se no grupo que está no manicômio, revelando uma estrutura social e comportamental que representa toda a sociedade na qual as personagens estavam inseridas. Cada personagem revela aquilo que o ser humano é na sua essência, das melhores às piores atitudes, emoções e ambições. Dentre todos, apenas uma personagem continuou enxergando: a mulher do médico. Ao longo de todo o romance, esta personagem vê e reflete sobre tudo o que se passa a sua volta.

Antes do ingresso no manicômio, quando o primeiro caso de cegueira aparece, o primeiro cego faz uma análise da sua nova situação visual que

pode nos conduzir a reflexões importantes a respeito do tema que estamos abordando. Ele diz:

[...] chegara à conclusão, ao cabo de cinco minutos com os olhos fechados, de que a cegueira, sem dúvida alguma uma terrível desgraça, poderia, ainda assim, ser relativamente suportável se a vítima de tal infelicidade tivesse conservado uma lembrança suficiente, não só das cores, mas também das formas e dos planos, das superfícies e dos contornos, supondo, claro está, que dita cegueira não fosse de nascença. Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência de luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (Saramago, 1995, p. 15 - 16).

Nessa passagem, duas formas de cegueira são apresentadas ao leitor: a primeira constitui-se pela ausência da luz, pela presença da escuridão, das trevas, mas que, se não for congênita, preserva a aparência, a essência dos seres e das coisas, sendo assim menos danosa, relativamente suportável, na perspectiva do personagem; a segunda forma de cegueira é adquirida e é a mais cruel, pois, por ser uma brancura muito luminosa, absorve e devora tudo, tornando as coisas e os seres invisíveis, insignificantes, vazios de sentido de existirem.

Podemos estabelecer então uma relação simbólica entre a cegueira escura e a Idade Média ou Idade das Trevas, período da história da humanidade que se caracteriza principalmente pelo domínio absolutista da religião e da fé, em detrimento da valorização do conhecimento científico; e a cegueira branca, luminosa, poderia estar associada ao Iluminismo, também conhecido como Século das Luzes, de valorização da razão. Saramago, em entrevista já aludida, expressa uma perspectiva pessimista em relação ao uso da razão:

nós não usamos racionalmente a razão. É um pouco como se eu dissesse que nós somos cegos da razão. Essa evidência é que me levou, metaforicamente, a imaginar um tipo de cegueira, que, no fundo, existe. Vou criar um mundo de cegos porque nós vivemos efetivamente num mundo de cegos. Nós estamos todos cegos. Cegos da razão. A razão não se comporta racionalmente, o que é uma forma de cegueira (Abramo, 1995).

Saramago sugere que o excesso de razão, na Modernidade, estaria levando a humanidade a viver numa espécie de nevoeiro, estado psíquico de cegueira que desconhece a alteridade, que recusa a ética e promove a desumanização.

Ao analisar o *Ensaio sobre a cegueira*, Perrone-Moisés (2000) considera que esse livro de Saramago “pode ser lido como um romance de antecipação, que relata um momento presente-futuro da humanidade” (Perrone-Moisés, 2000, p. 193). Nessa linha de pensamento, consideramos que a alegoria criada pelo romancista, em relação ao “presente-futuro da humanidade” estaria já ocorrendo na Pós-Modernidade, pois estamos cegos pelo excesso de razão, como disse Saramago, mas também pelo excesso de ódio, de intolerância, de preconceito, de ganância, de desinformação, de manipulação, de exposição na web, de likes, dentre tantos outros sentimentos e atitudes que movimentam as redes sociais e que estruturam a cultura digital na qual estamos inseridos. A autora continua a analisar o livro dizendo:

as personagens desse livro cegam porque denegam a própria cegueira; porque, como Ricardo Reis, não querem ver o que ocorre à sua volta, ou fazem de conta que não veem. Ressoa, em toda a parábola que é essa narrativa, a moral contida no ditado popular: “O pior cego é o que não quer ver”. [...] Tanto no caso de Ricardo Reis como no dos cegos, a denegação é fatal, porque aquilo que faz a infelicidade humana deve ser recusado, e não apenas denegado como não existente. [...] A afirmação (implícita) de Saramago é: agir é inevitável e necessário; ver é preciso (Perrone-Moisés, 2000, p. 193 - 194).

No contexto atual, várias formas de denegação ou de cegueira ocorrem. Conforme o que foi apresentado no primeiro tópico da nossa reflexão, nos seguimentos que formam as redes, as plataformas digitais, instalou-se um nevoeiro, uma cegueira branca que contaminou a quase todos: do mais alto executivo e investidor que gerencia, financia e lucra com esse sistema de redes, ao mais simples e “ingênuo” usuário/consumidor que alimenta e financia involuntariamente, na maioria das vezes, tornando-se uma vítima alienada àquilo que ele mesmo fomenta diariamente.

A respeito do desconhecimento de como funcionam essas tecnologias, dentre elas as redes sociais, James Bridle, em seu livro *A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro* (2019), salienta que “não vamos e não podemos entender tudo, mas somos capazes de pensar”, embora, em geral, seja “impossível entender tudo” (Bridle, 2019, p. 11). Ele lança um questionamento para o leitor: “é possível que a nuvem absorva não só nossa incapacidade de entender, mas nosso entendimento da falta de entendimento?” (Bridle, 2019, p. 13). Numa perspectiva pessimista, em consonância ao pessimismo de Saramago a respeito da humanidade, podemos considerar que, se perdemos a capacidade de compreender a nossa falta de entendimento, ou seja, se denegarmos nossa cegueira, então nós estaremos completamente cegos, “cegos que, vendo, não veem”.

Bridle (2019, p. 14) considera que a força propulsora do progresso nos últimos séculos foi a ideia central do Iluminismo: a de “que mais conhecimento – mais informação – conduz a melhores decisões”. Entretanto não é isso o que estamos vendo e vivendo. Para esse autor,

estamos, hoje, conectados a vastos repositórios de conhecimento, e ainda assim não aprendemos a pensar. Aliás, vale o oposto: aquilo que se pensava para iluminar o mundo, na prática, o escurece. A abundância de informação e a pluralidade de visões de mundo que hoje nos é acessível através da internet não renderam uma realidade consensual coerente, mas a despertada pela insistência fundamentalista

em narrativas simplistas, teorias da conspiração e política pós-factual. É em torno dessa contradição que gira a nova idade das trevas: uma era na qual o valor que depositamos no conhecimento é aniquilado pela abundância desse produto rentável, e na qual procuramos em nós mesmos novas maneiras de entender o mundo (Bridle, 2019, p. 15).

As concepções desse autor contemporâneo dialogam com os outros pontos de vista apresentados aqui, inclusive com a mensagem central do romance de Saramago. Bridle (2019, p. 16) diz que, “as trevas sobre as quais [escreve] não são trevas literais, tampouco representam ausência ou oclusão do conhecimento, como afirma a visão popular da idade das trevas”. Os excessos antes apresentados neste texto são ditos de outra forma por esse autor, ao se referir à “abundância de informação” e à “pluralidade de visões de mundo acessível na web”. Vale enfatizar também o último trecho da passagem acima transcrita: “procuramos em nós mesmos novas maneiras de entender o mundo”. Talvez essa seja a principal cegueira que estamos vivendo na cultura digital, aquilo que Han (2015) chama de falta de negatividade, de perda da alteridade, ao centramos nossa atenção em nós mesmos e esquecermo-nos de enxergar o outro.

Interessa-nos refletir principalmente sobre o usuário/consumidor vítima e algoz de si mesmo nesse sistema autoalienante. A cegueira que o envolve, negando a alteridade, é acionada por mecanismos inerentes à cultura digital na sociedade Pós-Moderna. Estes mecanismos são discutidos pelo filósofo coreano Byung-Chul Han, no livro *A sociedade do cansaço* (2015). Nessa obra, o autor apresenta o conceito “sociedade de desempenho” em oposição à “sociedade disciplinar”, definida por Michel Foucault na obra *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, publicada pela primeira vez em 1975. Han (2015) considera que:

a sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. [...] A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também

seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (Han, 2015, p. 14).

A sociedade disciplinar ou sociedade de controle pode ser encontrada na obra de Saramago, principalmente nos equipamentos de controle que são usados na narrativa para conter os cegos no início da contaminação: um manicômio com muros altos e soldados armados para impedir a saída dos “presos”. Entretanto, na concepção de Han, os mecanismos de controle da sociedade de desempenho são outros. Na verdade, há uma ilusão de liberdade, pois os sujeitos “são empresários de si mesmos”, exercendo um autocontrole, além do controle silencioso feito por algoritmos que direcionam e mantêm os indivíduos em bolhas discursivas/ideológicas, reféns do mesmo, do igual.

Han (2015) discorre sobre a “negatividade”, característica da sociedade disciplinar que se contrapõe à “positividade”, inerente à “sociedade de desempenho”. Nessa lógica, a sociedade disciplinar “é determinada pela negatividade da proibição. O verbo modal negativo que a domina é o não-ter-o-direito”. Enquanto que “o poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho” (Han, 2015, p. 14).

O excesso de positividade é violento, pois gera a “superprodução”, o “superdesempenho” e a “supercomunicação”, levando as pessoas ao adoecimento neuronal, à perda da alteridade, ao excesso de igual, ao esgotamento, à exaustão e ao sufocamento (Han, 2015). Esse adoecimento, resultante dos excessos próprios da cultura digital, pode ser equiparado à cegueira branca da ficção saramaguiana, oriunda do excesso de razão. O excesso de positividade pode ser associado ao excesso de busca por ‘likes’, curtidas, ao excesso de exposição nas redes, ao excesso de (des)informação e a Infodemia. O filósofo sul-coreano esclarece que

a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade (Han, 2015, p. 15).

Podemos compreender, dessa forma, que tanto “a negatividade do dever” quanto “a positividade do poder” pode ser considerada uma forma de “cegueira”, sendo que, na atualidade, são mais eficientes, lucrativas e produtivas as sensações de liberdade e de autogerência que a positividade do poder proporciona. Essa situação é resultado do uso intencional que é feito das novas tecnologias digitais da informação por parte daqueles que objetivam controlar e lucrar, por um lado, e do uso não consciente das redes por parte daqueles que desconhecem como esses sistemas são produzidos e controlados.

O filósofo Han (2015) discute ainda a respeito da necessidade do “tédio profundo” na “sociedade do cansaço” e nos faz pensar no valor da atitude contemplativa para o ser humano. Esse estudioso alerta que “o excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos” (HAN, 2015, p. 18). Esses excessos interferem nos desempenhos culturais da humanidade, pois os principais avanços culturais, inclusive filosóficos, alcançados pelos humanos “devem-se a uma atenção profunda, contemplativa” (Han, 2015, p. 19).

Ao discutir o ato contemplativo, Byung-Chul Han (2015, p. 19) reitera o pensamento de Nietzsche, afirmando “que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo”. Ainda em diálogo com o filósofo alemão, Han (2015) considera que, para alcançarmos um estado de vida contemplativa, precisamos de uma

pedagogia específica do ver, pois “aprender a ver significa ‘habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-aproximar-se-de-si’, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento” (Han, 2015, p. 28).

José Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira*, propõe uma pedagogia do ver e apresenta um meio para recobrarmos nossa visão, nossa razão lúcida, nossa humanidade. Ao final da narrativa, depois dos personagens viverem as mais diversas experiências que beiravam a animalização do ser humano, estando alojados na casa da mulher do médico, todas as noites vivenciavam o momento da leitura que era feita por ela, pois a mulher, além de pegar alimento para eles também pegava livros na biblioteca: “à noite não comeram [...] sentaram-se a ouvir ler o livro, ao menos o espírito não poderá protestar contra a falta de nutrimento [...]. [...] punham-se a seguir com os olhos da alma as peripécias do enredo, até que um lance mais enérgico os sacudia do torpor [...]” (Saramago, 1995, p. 305). Em um desses momentos de leitura, ocorreu o inesperado: o primeiro cego voltou a enxergar.

Na narrativa de Saramago, várias simbologias utilizadas podem ser associadas aos conceitos apresentados aqui: o primeiro cego, quando perde a visão, está parado diante do semáforo vermelho, aguardando ansiosamente o momento de poder seguir, enquanto tantos outros ao seu lado aceleram os motores dos carros, prontos para uma partida imediata, para não perder tempo; em oposição a essa situação, o primeiro cego restitui a visão num momento de contemplação proporcionado pela leitura literária feita pela única pessoa da narrativa que continuou enxergando.

Nessa perspectiva, traçamos um paralelo entre o primeiro cego (que representa os outros), no momento em que perdeu a visão, e os excessos

apresentados por Han, que podem conduzir a uma cegueira, a uma perda da alteridade e à falta da atitude contemplativa. Assim sendo, precisamos nos reeducar a ver, a olhar, a contemplar e a buscar a alteridade se quisermos sair do nevoeiro, da cegueira que nos envolve e nos afasta da nossa própria humanidade.

Considerações finais

Ao finalizarmos nossas reflexões, voltamos às indagações iniciais e sugerimos ampliar nosso olhar para o que foi dito: se realmente estamos vivendo “um desenvolvimento caótico” ou se estamos “cegos da razão”, como preconiza Saramago, ainda é possível nos reorganizarmos e equilibrarmos nossa razão, através da lucidez do olhar daqueles que, assim como a mulher do médico, continuam a enxergar e a nos fazer refletir sobre a nossa realidade.

Na contramão dos adoecimentos provocados pelos excessos da cultura digital, Han propõe a vida contemplativa e a pedagogia do ver, que é representada na narrativa de Saramago por meio do alimento do espírito, no momento em que os olhos da alma acompanham o enredo.

Poderíamos considerar, então, que o pessimismo saramaguiano a respeito da humanidade se confirmou, após todos os argumentos apresentados. Porém, uma centelha de esperança permanece na personagem que continuou vendo: a mulher do médico. O romance termina com a expectativa de que a vida voltará ao normal. Não somos ingênuos de achar que “voltar à normalidade” seria retroceder no uso das tecnologias digitais, algo impossível de acontecer e, se assim desejássemos, estaríamos negando a nós mesmos (Bridle, 2019).

No entanto, a simbologia da mulher que continuou vendo e dos outros personagens que terminam o romance no processo de retomada da visão

nos levam a acreditar que nem tudo é treva, cegueira ou alienação. O uso dessas novas tecnologias e das redes sociais pode ser revolucionário para o bem, para desconstruir as inúmeras cegueiras que nos cercam e que, muitas vezes, nos envolvem, e intensificam injustiças e misérias.

Por fim, compreendemos que, para Saramago, por meio da literatura (e da arte em geral) podemos experimentar o tédio profundo, a vida contemplativa a que se refere Han. A literatura é uma possibilidade de acesso ao lúdico, à criatividade, à contemplação e à alteridade, pois o texto literário pode despertar em nós a capacidade de refletir sobre a condição humana na sociedade em que estamos inseridos. Por isso, se pusermos em prática a pedagogia do ver e se exercitarmos a atenção profunda, poderemos então entender a epígrafe trazida por Saramago, retirada do *Livro dos conselhos*, “Se podes olhar,vê. Se podes ver, repara”.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Bia. Saramago anuncia a cegueira da razão. *Jornal Folha de São Paulo* – ilustrada, São Paulo, 18 de outubro de 1995. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/10/18/ilustrada/1.html>.
Acesso em: 04 mar. 2024.

BRIDLE, James. *A nova idade das trevas*: a tecnologia e o fim do futuro. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2019. (Livro digital; 320 págs.).

FISHER, Max. *A máquina do caos*: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HISSA, Débora; ARAÚJO, Nukácia. Infodemia na sociedade do desempenho: entre o mural panfletário e o panóptico digital. *Revista Brasileira Linguística Aplicada*, v. 21, n. 4, p. 1011-1035, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbla/a/SQMYfd9rBGSTBqzxY989wXN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 17 mar. 2024.

LÉ, Jaqueline Barreto; ANECLETO, Úrsula Cunha; RIBEIRO, Ana Elisa. Saindo das bolhas de pós-verdade: ética da informação para fluência digital e combate às fake news. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.2, 2022. p. 29-48. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9292/8008>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Tradução de Rafael Abraham. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. As artemages de Saramago. In: _____. *Inútil poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 182 – 196.

WOLF, Maryanne. *O cérebro no mundo digital*: os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

NOTAS DE AUTORIA

Vânia Maria Castelo Barbosa (vaniasmcb@gmail.com): Doutoranda em Letras - PPGL/UFPB. Mestra em Letras - UFC. Graduada em Letras - FECLESC - UECE. Professora da Educação Básica - Quixadá - CE. Membro dos Grupos de Pesquisa PROLELI e LIMEFLE.

Maria Valdenia da Silva (maria.valdenia@uece.br): Doutora em Letras – UFPB. Pós-doutora em Educação - UFC. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras - UECE. Líder do grupo de Pesquisa LIMEFLE.

Renata Junqueira de Souza (renata.lit.junqueira@gmail.com): Doutora em Letras – UNESP. Pós-doutora na British Columbia University, Ohio State University e Universidade de Évora. Professora aposentada sênior da UNESP/Presidente Prudente. Fundou e coordenou o CELLIJ - Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil "Maria Betty Coelho Silva" (1992 - 2022). Professora colaboradora no PPGL – UFPB. Líder do grupo de Pesquisa PROLELI.

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

BARBOSA, Vânia Maria Castelo; SILVA, Maria Valdenia; SOUZA, Renata Junqueira de. Reflexões sobre a cegueira na cultura digital: parafraseando José Saramago. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 84-104, 2024.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 25 abr. 2024.

Aprovado em: 14 mai. 2024.